



Vasconcellos

Informaram as *Novidades*:

«Apareceu ultimamente em Paris, publicado pela livraria Plon, um drama em quatro actos, intitulado — *Vasconcellos*.»

Como outr'ora o sr. Ramalho Ortigão, ao ter notícia do condado d'Almedina, tentamos reconstituir o drama — *Vasconcellos*, e eis os resultados a que podemos chegar:

Miguel de Vasconcellos: — Drama historico.

(*Manhã do dia 1.º de dezembro de 1640, em Palacio. Sala nobre. Aposentos de Miguel de Vasconcellos. Ao fundo, por uma ampla janella, vê-se ao largo o Tejo. Portas lateraes. Retrato do Conde Duque. Grande mesa de talha e cadeiras d'alto espadar. Um armario*)



SCENA X

Miguel de Vasconcellos, depois um guarda tudesco, depois Antonio Correia.

Que oíço? Um tumulto! (*Ouve-se timir d'armas e gritos de viva o duque de Bragança!*) Olá! (*Correndo á janella*) Ah! mastins! ousaes de novo erguer a frente! Olá?

Um guarda tudesco

Senhor! Senhor! D. Miguel d'Almeida destroçou a guarda tudesca e já invade o Palacio.



Miguel de Vasconcellos

Maldição! As minhas pistolas! (*Cresce fóra o tumulto. Já se ouvem mais proximos os gritos de viva o duque de Bragança!*)



Antonio Correia official-mór

(*Entrando espavorido.*)

Perdidos! Estamos perdidos! D. Jorge de Mello e D. Estevam da Cunha destroçaram a guarda hespanhola! (*O rumor arisinha-se*)

Uma voz (*fóra*)

Viva o duque de Bragança!



SCENA XI E ULTIMA

(*Antonio Correia eo Guarda Tudesco escapam-se pela esquerda. Miguel de Vasconcellos desaparece no armario. Entram pela direita em tropel os conjurados.*)

D. Miguel d'Almeida, D. Jorge de Mello, João Pinto Ribeiro, Antonio de Menezes, Rodrigo de Sá, 1.º conjurado — depois Miguel de Vasconcellos.

D. Miguel d'Almeida

O villão escapou-nos!

1.º conjurado

(*correndo ao armario e abrindo-o*)
Ha aqui alguém debaixo d'estes papeis! (*Todos accodem*)

D. Rodrigo de Sá

Cá para fóra, perro vil! Cá para fóra, ladrão!

Miguel de Vasconcellos

(*Sahindo do armario, tremulo*) Meu Deus!



D. Rodrigo

Soou a tua hora, tyranno da patria, oppressor dos portuguezes! Prepara-te para morrer! (*Miguel de Vasconcellos prepara-se para morrer, pondo-se de cocoras, D. Rodrigo apunhala-o.*)



Miguel de Vasconcellos

Oh!... não!... Piedade! Eu morro!... (*Rola no chão*)



João Pinto Ribeiro

Viva o senhor duque de Bragança!

Os conjurados

Viva!

D. Jorge de Mello

Viva Portugal Restaurado!

Os conjurados

Viva!

(*Acclamações. Rumor. Fóra, a philarmonica 1.º de dezembro toca o hymno da Restauração.*)



CAE O PANNO

Pode tambem ser um drama romantico e intitular-se — *Jeronymo de Vasconcellos*.

Seria então pouco mais ou menos assim:

QUARTO ACTO

Alameda d'Algés. Da meia noite na torre da cathedral.



SCENA I

Jeronymo de Vasconcellos

Depois 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, e assim successivamente — fiscal do sello.

Está ahí a chegar o comboyo n.º 6. E' tempo! (Desembuçando-se e soltando um silvo entre os dentes.)

15.º fiscal do sello



Presente, meu capitão!

Jeronymo de Vasconcellos

A minha gente a postos! (Sahe o 15.º fiscal do sello. Ouve-se o rumor do comboyo) Entim! (Os fiscaes do sello entram embuçados.)



Uma voz

Biscoitos de Oeiras!
(Movimento de surpresa. Os fiscaes acolhem se a bastidores, embuçando-se rapidamente)

Jeronymo de Vasconcellos

Sem demora, tolher o passo ao temerario... (Falla ao ouvido do fiscal 17.º)

17.º fiseal

As suas ordens serão cumpridas, meu capitão!

A voz

Soccorro! Soccorro!

Jeronymo de Vasconcellos

(Collocando o ouvido a terra).
Schut! Elle ahí vem! Ao primeiro signal!



Os fiscaes (em côro)

Ao primeiro signal!
(Ouve-se o rumor do comboyo que chega. Pausa. A torre da cathedral dá meia noite e um quarto.)

Jeronymo de Vasconcellos depois o sr. Hintze Ribeiro.

Bate! Bate meu coração!



(O sr. Hintze Ribeiro passa de sobretudo, chapéu alto, mãos nos bolsos. Ouve-se um novo silvo. Os fiscaes, occultos em bastidores, apoderam-se do sr. Hintze Ribeiro.)



Jeronymo de Vasconcellos

—Ao Castello do Sello!
Cahe o panno. Entreacto

Igualmente pensamos que seria um drama mundano, —Henrique de Vasconcellos, em quatro actos e dois ditos de espirito.

Personagen:

A Condessa

O Conde

Henrique

Martha

Uma creada

Actualidade.

Uma scena ao accaso.

Salão Luiz XV. Sofás, fauteuils, biombos. Um cravo.



SCENA XII

A condessa

O amor...



Henrique

Porem...

A Condessa

Ah! não! Isso não lh'o consinto.



Henrique

Como dizia o senhor de Saint-Amand...



A Condessa

Oh! Bella!



Um creado

Uma carta para a senhora condessa.

SCENA XIII

Os mesmos, Martha, um creado.
Martha

Bom dia, minha boa amiga...

A Condessa

Bom dia, querida Martha.



Henrique

Minha senhora...

Um creado

Outra carta para a senhora condessa...

Não sendo nenhuma d'estas versões, o drama Vasconcellos só pôde chamar-se Vasconcellos Abreu, e não ser propriamente um drama, mas uma tragedia, á Shakespeare e á Marlowe.

N'este caso, o seu verdadeiro titulo seria—Vasconcellos Abreu, ou o Hamlet da philologia.

JOÃO-RIMANSO.

O Biombo da Moralidade, ou o Major Donzella na Civilisação e nos costumes



O principio da Auctoridade em Portugal colloca sempre diante de todos os factos — um Biombo.

Um unico facto escapa a esta demonstração de zelo auctoritario — a Politica nua, nas suas relações com a Nação.



O principio da Auctoridade, o banditismo e a nossa decadencia

O caso do negociante allemão, preso no Porto por um policia que, depois de o prender, o deixou fugir e adormeceu, retirando-se mais tarde com algumas das joias que lhe encontrou em casa, fez dar uma tremenda tambalhota ao principio da Auctoridade.

Por um momento deixamos de ver a Policia e passamos a ver Opera Buffa.

Nos *Bandidos* d'Offenbach ha vagamente uma coisa assim.

O que é completamente absurdo é o fim da aventura.

Depois do seu feito, o que era natural era que o policia do Porto se internasse nas montanhas e se fizesse contrabandista como D. José ou saltador como Musolino, abotoasse na perna uma polaina de couro, pozesse ao hombro uma manta, a tiracolo uma clavinha e fallasse ás imaginações.



Assim é que estava bem e era logico. O que o homem fez sahe da realidade. O que devia fazer era isto: entrar no romance.

Mas — ai de nós! — falta-nos tudo, até phantasia.

O alarve consegue fazer n'um paiz de sem-saborões, uma coisa inteiramente nova, e quando l'os já começamos a ler-o, como se lê o primeiro fasciculo de um romance interessante — torna-se burlesco.

Vae-se deitar, mette a cabeça debaixo do travesseiro e finge um ataque de nervos.

Triste!

Vê a gente uma coisa d'estas e desespera, porque a sorte dos povos está marcada até no temperamento dos seus malfeteiros.

Ao prestigio da Italia anda ligada a bravura dos seus bandidos.

Em Hespanha, a lenda caliginosa dos *despeñaperros* contribuiu quasi tanto para a fixar na imaginação dos povos como a lenda do Cid.

Um pequeno Estado, a Albania, consegue sahir da obscuridade e da confusão das nacionalidades balkánicas, graças á fama dos seus saltadores.

No nosso paiz é isto: em apparecendo u n homem notavel, vae-se logo abaixo.

Nem os ladrões tem temperamento.

O do Porto já fez o seu requerimento, pedindo perdão e mercê.

E' a morte commum pelo papel-sellado.



O interview



UBITAMENTE, o jornalismo da capital parece sahir do seu marasmo e entrar audazmente pelas vias do progresso; e como succeda que de todos os empreendimentos do espirito de publicidade do

nosso tempo, seja o *interview* o empreendimento mais barato, o jornalismo entregou-se ao *interview*.

O *interview* sahe, com effeito, ao jornal por dez réis de mel coado.

Ha sempre na redacção alguém disponivel. Occorre o *interview*. Depressa! o chapéu, e uma, duas horas depois o *interview* está feito.

O que succede é que no seu empenho de entrevistar, a imprensa se encontra por vezes em bem singulares apuros. E' quando a ausencia de todo o successo e de toda a individualidade, a coage ao silencio. Verdaderamente então ella se torna grande.

N'estas circumstancias, a imprensa entrevista — *quand même*.

Quem?

Não importa.

O primeiro chapéu alto que passa.



O chapéu alto é moroso, rebelde, escasamente loquaz?

Embora!

E' forçoso que o chapéu alto dialogue e assim se faz. No dia seguinte, o publico guloso d'esta garrida innovação, sabe com alvoroço que um chapéu alto de oito reflexos, se exprimitu n'estes termos em palpitante palestra com a imprensa:



— Mas...

— Porem...

— Comtudo...

— Entretanto...

Tal tem sido o espectáculo dos ultimos *interviews*, durante os quaes a loquacidade dos jornalistas se tem substituido á infecundidade do verbo publico.

Quando o publico não falla, quem dá á lingua é o jornal.

Quanto ao *interview* criminal, elle tem attingido nos derradeiros tempos as proporções de uma verdadeira instituição juridica.

Consummar o menor delicto é conquistar o direito a toda a gloria da publicidade. Roubar um relógio é entrar no pantheon pela porta do Jornal. Infringir o preceito da menor postura é ter na mão uma senha para a posteridade. O outro dia um sujeito que veio todo o tempo a cuspir n'um carro do elevador da Estrella, ia tendo o seu retrato no rnal.



A reportagem do Limoeiro occupa no jornal da actualidade um papel tão importante como a reportagem da Arcada.



Os *reporters* sahem dos braços do sr. Matoso dos Santos e cahem nos braços do Villanueva.



E' tambem quando o Jornal assume aos olhos da sociedade um caracter verdadeiramente augusto, passa a chamar se não o *Jornal de Noticias*, ou o *Jornal da Noite*, ou o *Jornal da Tarde*, mas o *Clamor da Consciencia Publica*, á ultima hora.



O Jornal não julga apenas o delicto. Alguas vezes, para melhor servir os seus leitores, pratica-o. Faz a psychologia do delicto, faz a psychologia do delinquente. Para esse effeito, em todas as redacções ha, com algumas gazetas, alguns tratados de pathologia criminal.

O Jornal apodera-se do criminoso e, ou o salva, ou o perde. Tudo depende do estado do tempo e das correntes da opinião.

O principe Cretchet cahiu sob o patronato da imprensa, que logo organisou a sua defeza. Menos aventurado, o doutor Villanueva cahiu sob os seus rigores.



E' um homem ao mar, e, apesar de ser este um excellento ensajo de experimentar a boia de salvação do seu invento, é um homem perdido.

A imprensa condemnou o homem e a boia. A *interview* está em summa, em plena moda e em pleno prestigio.

E' o automovel, ou, para que assim o digamos, o novo systema de locomoção da publicidade.



GASPAR DO NASCIMENTO



Tenor. Como as aves, migrador. Signal particular: ama o Brazil. E' um rouxinol dentro do qual canta um sabião



DE BORLA



Diana de Lys, em D. Maria. Uma estreia.

Artes e artistas no Brazil

Mandavamos para o Brazil o Minho, mandavamos a Beira, mandavamos Traz os Montes, sob a forma desses rijos cidadãos que o Brazil nos vem devolvendo periodicamente, enriquecidos e enobrecidos.

Litteratura e arte eis, porem, o que mandamos pouco, quando, com este moço de imaginação e iniciativa que é Guilherme Da Rosa, irmão de outro não menos emprehendedor que é Faustino da Rosa, se deu o caso de mandarmos ao Brazil arte e artistas, devidamente encaixotados, facturados e consignados ao Brazil da intelligencia e do bom gosto.



Assim foi. Uma manhã de junho, Guilherme Da Rosa emprehendeu descobrir novamente o Brazil para a arte portugueza. Como outr'ora Cabral, elle desembarca em Terras de Santa Cruz e, com mão altiva, crava no solo americano a primeira *bannière* da arte dos nossos dias, onde lêmos os nomes já cobertos de gloria de Columbano e Malhoa, Salgado e Carlos Reis, Luciano Freire e Condeixa, D. Maria Augusta Bordallo e o de Raphael Bordallo, tão familiar e tão querido do Brazil.

D'esta tarefa se executa maravilhosamente—com audacia, com gosto, com escrupulo e com probidade. Volta e volta *vincitor*, tendo dado á arte portugueza expansão, gloria e oiro.

Na ausencia de qualquer outra manifestação, a *Parodia* associa se ao applauso com que os artistas portuguezes que elle tão fielmente serviu, já recompensaram o seu bello esforço e endereça-lhe os seus melho-res agradecimentos.



Companhia Real DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Serviço do Trafego

NOVAS TARIFAS L. N.º 1, 2 e 3 G. V.

Desde 1 de Dezembro proximo, entram em vigor as seguintes novas arifas para transporte de passageiros: L. n.º 1 na linha de Leste (Lisboa a V. Franca); L. n.º 2 Lisboa a Cintra; L. n.º 3 no ramal de Cascaes. As quaes substituição as de eguaes serie e numero ac ualiminte em vigor.

Para mais esclarecimeptos ver as tarifas affixadas nas estações interessadas.

Lisboa, 18 de Novembro de 1902.

Pelo Director Geral da Companhia
O Engenheiro Adjuncto á Direcção G. ral
A. L. Simões de Carvalho.

SERVICÓ DOS ARMAZENS

Fornecimento de Massarochinhas

No dia 15 de Dezembro pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) para a Commissão Executiva d'esta Companhia, serão a critas as propostas recebidas para o fornecimento de 2000 kilogrammas de massarochinhas de cor e branco.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos Armazens (edifício da estação de Santa Apollonia) todos os dias uti, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e em Paris nos escriptorios da Companhia 28 rue de Chateaudun.

O deposito para ser admittido a licitar, deve se feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central co Rocio.

Lisboa, 14 de Novembro de 1902.

O Director Geral da Companhia
Chapuy.

Ouvreria e Relojoaria

com officina anexa
de fabrico e
concertos

FLORINDO

Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

MENÉRES & C.ª

Porto

Fornecedores da Casa Real Portugueza, da Casa do Presidente da Republica do Brazil, da Directoria da Sauidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portugueza, da Santa Casa de Misericórdia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto.

AGENCIAS EM TODO O MUNDO
Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 A 47

Callista

pedicuro



JERONYMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 40, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e
Edesencramento de unhas
pelos mais modernos processos.

os até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite e te consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

VACCINOMANIA



- Sr.º Doutor. Ai! tenho tanta vergonha!...
- Vá, vá, que eu tenho pressa... Eu, então, só d'isto...

A sociedade Portuguesa entrega o seu velho braço secular a uma nova vaccina — a das bexigas doidas, unica especie de loucura a que pretende tornar-se immune.